



A VERDADE DA TÉCNICA E O PROBLEMA DA VERDADE

The Truth of the Technique and the Trouble of the Truth

Joedson Silva dos Santos

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES
filos_joedson@yahoo.com

Resumo: Este artigo está tematicamente circunscrito a análise da verdade da técnica e o problema da verdade a partir da conferência “*A questão da técnica*” do filósofo alemão Martin Heidegger. O procedimento ou caminho percorrido por Heidegger, nesta conferência, é um esforço para retornar a origem, por isso concentra seu questionamento em três momentos: da essência para *Wesen*, da técnica para a essência da técnica e do correto para o verdadeiro. O tema central desta conferência não é somente o questionar a técnica, mas também sobre a verdade da técnica. Para o filósofo alemão, questionar a técnica é questionar um mistério infinito da verdade, no qual acontece o desencobrimento e o encobrimento, ou seja, a vigência da verdade. Portanto, o termo desencobrimento é tomado como referência nas principais definições dos termos empregados nesta conferência. É por meio da etimologia do termo grego *ἀλήθεια* e do seu sentido originário, desencobrimento, que Heidegger se orienta no caminho para a busca filosófica do ser da técnica e devolver o sentido da pergunta do ser, ao mesmo tempo, contrapõe o sentido da etimologia latina, por essa encobrir o sentido que se descobriu com os gregos.

Palavras chaves: Essência. *Wesen*. Técnica. *Gestell*. Verdade.

Abstract: This article is thematically limited to the technical fact of the analysis and the problem of truth from the conference "The question of technique" of the German philosopher Martin Heidegger. The procedure or path taken by Heidegger, in this conference, is an effort to return to the source, so focused his questioning on three occasions: the essence for *Wesen*, from the technique to the essence of technique and from the correct to the true. The central theme of this conference is not only to question the technique, but also about the truth of technique. For the German philosopher, to question the technique is to question an infinite mystery of truth, in which uncover and cover occurs, that is, the validity of truth. Therefore, the term uncover is taken as a reference in the main definitions of the terms used in this conference. It is through the etymology of the Greek term *ἀλήθεια* and its original sense, the uncover, that Heidegger is guided on the path to the philosophical search of the being of technique and to return the sense of the question of being, at the same time, opposes the meaning of Latin etymology, for this to cover up the sense that was unmasked with the Greeks.

Keywords: Essence. *Wesen*. Technique. *Gestell*. Truth.

Na conferência de 1953, intitulada “*A questão da técnica*”, Heidegger apresenta o questionamento da técnica com a pretensão de averiguar a força de realização ou vigor da técnica e não, meramente, o fazer ou o saber fazer da técnica. Através desse questionamento ele pretende construir um caminho para uma relação mais livre com a técnica, isto é, um “relacionamento capaz de abrir nossa Pre-sença à essência da técnica” (HEIDEGGER, 2012a, p. 11). Heidegger deixa claro que a essência da técnica é diferente da técnica propriamente dita, pois esta possibilita uma análise técnica determinada e restrita em sua afirmação, negação e neutralidade que, conseqüentemente, para Heidegger, “nos torna inteiramente cegos para a essência da técnica”. Portanto, “a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico”.

O procedimento ou caminho percorrido por Heidegger, nesta conferência, é um esforço para retornar a origem, por isso concentra seu questionamento da essência para *Wesen*, da técnica para a essência da técnica e do correto para o verdadeiro. Nesse percurso, sua reflexão sobre a técnica em direção à essência da técnica gira em torno dos termos: essência, causalidade, produção, desencobrimento, disponibilidade, *Gestell* (composição) e destino.

Ao se perguntar o que é a técnica o filósofo alemão remete a mesma à sua essência. A tradição filosófica entende essência como aquilo o que é, ou seja, “a essência de alguma coisa é aquilo que ela é” (HEIDEGGER, 2012a, p. 11). Com base nessa concepção existem duas respostas sobre o que é a técnica: a primeira considera a técnica como “meio para um fim”, a outra como “uma atividade do homem”. Essas duas respostas estão relacionadas entre si, “pois estabelecer fins, procurar e usar meios para alcançá-los é uma atividade humana” (Ibidem, p. 11-12). Segundo Heidegger, esta concepção instrumental da técnica é correta, mas insuficiente, uma vez que, não nos permite chegar a sua essência.

O correto constata sempre algo exato e acertado naquilo que se dá e está em frente (dele). Para ser correta, a constatação do certo e exato não precisa descobrir a essência do que se dá e apresenta. Ora, somente onde se der esse descobrir da essência, acontece o verdadeiro em sua propriedade. Assim, o simplesmente correto ainda não é o verdadeiro. E somente este nos leva a uma atitude livre com aquilo que, a partir de sua própria essência, nos concerne. Embora correta, a determinação instrumental da técnica não nos mostra sua essência. Para chegarmos à essência ou ao menos à sua vizinhança, temos de

procurar o verdadeiro através e por dentro do correto (HEIDEGGER, 2012a, p. 12-13).

Neste momento, Heidegger realiza o início de reflexão dos três movimentos de esforços para retornar ao pensamento mais originário: o primeiro tem como ponto de partida o conceito de essência para *Wesen*; o segundo da técnica para *Gestell* (essência da técnica) e, por fim, o terceiro do correto para o verdadeiro. No tocante ao primeiro, Heidegger não faz nesta conferência uma análise etimológica do termo essência, mas fica subtendido a distinção da palavra aplicada pela tradição que é comumente aceita e a definição ao qual considera como a mais originária, a saber, *Wesen*.

A definição do termo essência na tradição filosófica é compreendida como “aquilo o que é” – como foi citado acima –, tendo o sentido de uma natureza substancial ou de quiddidade. Ou seja, dizer o que é uma coisa é falar de sua essência. Na conferência “*A questão da técnica*” o termo essência, ou melhor, *Wesen* “não designa no texto essência [no sentido tradicional], natureza, quiddidade, mas a estrutura em que vigora” (LEÃO. In: HEIDEGGER, 2009, p. 23). Em conformidade com esta interpretação, o professor Rafael Henriques nos diz que Heidegger “não quer apontar para uma natureza substancial da técnica, ou do que quer que seja, mas sim para uma certa disposição, uma força ou vigor fundamentais que a tecnologia carrega” (HENRIQUES, 2014, p. 27).

Esse primeiro movimento de esforço de Heidegger conota uma ruptura da concepção tradicional e ao mesmo tempo um retorno ao pensamento originário. A partir de Platão, a essência (*ousía*) é entendida como aquilo que é essencial da coisa ou como uma função de unidade e de identidade (RICOUER, 2013, p. 19), pelo qual, aquilo que há de essencial na coisa é permanente e principal, diferentemente do transitório e acidental. Em outras palavras, a essência da coisa está na Forma. E nas coisas do mundo sensível existe certa Forma que lhes correspondem com sua natureza ou essência. A essência em Platão é permanente independente do devir da realidade sensível. Já para Heidegger, *Wesen* não tem sentido de algo fixo e imutável, mas de “movimento processual de essencialização” ou “força de realização” (HENRIQUES, 2014, p. 28).

Ao questionar o que é o instrumento em si mesmo enquanto meio e fim, Heidegger chega ao conceito de causalidade e apresenta a doutrina das causas de Aristóteles. Por meio de uma análise etimológica, o filósofo alemão explica que tudo o que a posteridade procurou entre os gregos com o conceito e concepção de causalidade nada tem haver com a eficiência e eficácia

no fazer. Segundo Heidegger, causa é muita das vezes entendida como “o que tem como consequência um efeito” (HEIDEGGER, 2012a, p. 13), porém esse termo não se reduz somente a um provocar outro, mas “o fim com que se determina o tipo do meio utilizado”. Etimologicamente, a palavra causa é, segundo Heidegger, *casus* que provém do verbo *cadere*, cair. Aquilo que em português chamamos de causa, os alemães chamam de *Ursache*, Aristóteles e os gregos chamavam de **αἴτιον**, sendo que, este termo não designa somente causa como o que é eficiente, mas significa tudo o que é responsável por algo amplamente. Segundo Heidegger (2012a, p. 14), **αἴτιον** é “aquilo pelo que um outro responde e deve”, nesse sentido, “as quatro causas são os quatro modos, coerentes entre si, de responder e dever”. Portanto, nesse movimento de retorno a uma concepção originária, Heidegger desloca – através da etimologia da palavra – o sentido comumente aceito de causalidade, igualmente o sentido grego de **Τέλος**, para um mais amplo.

Heidegger nos diz que os três modos de responder e dever devem à reflexão do ourives, ou seja, o ourives reflete e recolhe numa unidade os três modos mencionados de responder e dever. E o modo em que eles aparecem entram no jogo da produção do cálice sacrificial. Segundo Henriques (2014, p. 30), “é na dimensão da produção (*poiésis*) que esses modos de responder e dever-ser se articulam, para fazer com que algo venha a viger, em sua vigência”. Para o filósofo alemão, “eles [os quatro modos] respondem pelo dar-se e propor do cálice, como utensílio sacrificial” (2012a, p. 15). Através da análise do termo grego **ὑποκείσθαι**, Heidegger diz que dar-se e propor-se “designam a vigência de algo que está em vigor”, ou seja, “os quatro modos de responder e dever levam alguma coisa aparecer”. Em outras palavras, os quatro modos deixa viger o que ainda não vige. Essa condução do não viger para a vigência é chamada por Platão de **ποίησις** (*poiésis*), isto é, produção.

O deixar-viger concerne à vigência daquilo que, na produção e no produzir, chega a aparecer e apresentar-se. Portanto, a “produção conduz do encobrimento para o desencobrimento”. Segundo Heidegger, este desencobrimento é o que os gregos chamavam de *alétheia*, os romanos de *veritas* e nós de verdade, ao qual entendemos geralmente como “o correto de umarepresentação”.

O caminho percorrido por Heidegger até aqui pode ser visto nos quatro termos: essência, causalidade, produção e descobrir. Isto é, a partir da concepção tradicional de essência chegar a uma determinação instrumental da técnica, a qual não nos dá a essência da técnica, e

esta está ligada à causalidade, que por sua vez, leva a um produzir e esta, por fim, ao desencobrimento que é o desvelamento da verdade.

Portanto, para o filósofo alemão, – no segundo movimento de esforço para uma concepção mais originária da técnica –, a técnica não é um simples meio, mas sim uma forma de desencobrimento. Heidegger nos diz que a etimologia da palavra técnica é proveniente do grego *τέχνη* (*téchne*). Nesse sentido, esse termo pode ser considerado em dois modos: o primeiro no sentido de “fazer na habilidade artesanal” e o outro para o “fazer na grande arte e das belas-artes” (HEIDEGGER, 2012a, p. 17). Além disso, a *téchne* no pensamento grego é uma forma de produção ligada a um saber fazer. Segundo Heidegger, a *téchne* e a *epistéme* ocorrem juntamente e designam ser versado em alguma coisa, ter compreensão de algo. Nesse aspecto, Heidegger nos diz que

O decisivo da *τέχνη* não reside, pois, no fazer e manusear, nem na aplicação de meios mas no desencobrimento mencionado. É neste desencobrimento e não na elaboração que a *τέχνη* se constitui e cumpre em uma produção (...). **Técnica é uma forma de desencobrimento.** A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá desencobrimento e des-encobrimento, onde acontece *ἀλήθεια*, verdade (HEIDEGGER, 2012a, p. 18, grifo meu).

Assim como a *téchne*, a técnica moderna é também um desencobrimento, como também uma produção, mas essa produção não é no sentido de *poiésis*, mas uma produção de “exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada”. Portanto, a técnica dis-põe no sentido de uma exploração. Nesse momento, a postura do homem com a natureza é diferente, pois explorar é diferente de agir com ela, não é um mero utilizar-se de um movimento que naturalmente ocorre, mas sim, um forçar a natureza, um tomar dela o que ela pode produzir. Por exemplo, o modo de cultivar o campo do camponês é diferente do modo de cultivar do campo da técnica moderna. O modo do cultivo do camponês coexiste com a natureza, respeitando seu tempo. Enquanto o modo da técnica moderna enxerga a natureza como um grande depósito ou fornecedora disponível para extrair tudo quanto for demandado.

A partir desse momento, o caminho percorrido por Heidegger chega ao termo disponibilidade (*Bestand*). Ao falar de desencobrimento como exploração, o filósofo alemão se utiliza desse termo não como uma mera provisão, ao qual o termo designa, mas amplia seu sentido para o nome de uma categoria. Portanto, ele entende por disponibilidade como “o

modo em que vige e vigora tudo que o desencobrimento explorador atingiu”¹. Assim, a disponibilidade está ligada ao requerer e tudo o que é requerido é disponibilidade. “Realizando a técnica, o homem participa da dis-posição, como um modo de desencobrimento”. Desta maneira, “a técnica moderna não se reduz a um mero fazer do homem”².

Através do caminho de pensamento percorrido por Heidegger sobre produção como exploração, desencobrimento e disponibilidade, ele chega ao tema central da conferência, a saber, *Gestell*, a essência da técnica moderna. Heidegger define *Gestell* (composição) como “o apelo de exploração que reúne o homem a dis-por do que se des-encobre como disponibilidade” (HEIDEGGER, 2012a, p. 23). O filósofo alemão usa esse termo não no sentido corrente de um equipamento ou esqueleto, mas como “o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna”³. Nesse sentido, o homem da técnica moderna é desafiado, no produzir, para dentro do desencobrir até mesmo no modo de representar a natureza.

Para Heidegger, a composição não é nada de técnico, mas o modo em que o real se desencobre como disponibilidade. *Gestell* ou essência da técnica moderna põe o homem a caminho (ou destina) do desencobrimento. Heidegger entende por *destino* “a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento”⁴. Como modo de desencobrimento, a composição é um envio do destino. Destino é também uma produção.

A composição é a essência da técnica; por ser destino de um desencobrimento não designa essência no sentido de gênero e *essentia*. Como falamos acima no primeiro momento de esforço de Heidegger de retorno a uma concepção mais originária, essência estava sendo aplicada no sentido comum, isto é, “essência diz aquilo que alguma coisa é, em latim, *quid*”. Já o *Wesen* da técnica, composição, não faz referência a um equipamento ou tipo de aparelho, nem mesmo o conceito genérico destas disponibilidades. *Wesen* tem o sentido de viger e vigência sendo o mesmo que durar. Segundo Heidegger, Sócrates e Platão pensaram a essência de uma coisa também como vigência no sentido de durar, mas esses dois filósofos antigos pensaram “o duradouro, como o que sempre é e perdura”. E o que sempre é e perdura, “eles encontraram no que permanece em tudo o que ocorre e se dá”⁵. *Wesen* não nos diz algo que permanece, mas sim “uma dinâmica de realização”. O professor Rafael Henriques nos chama atenção para o sentido verbal desse termo quando nos diz que

¹ Idem, p. 21

² Idem, p. 22

³ Idem, p. 24

⁴ Idem, p. 27

⁵ Idem, p. 33

É preciso ter em conta que se quer reforçar a conotação verbal (capaz de ação) da expressão, retirando o seu sentido de substantivo, que seria algo pronto e acabado. Sendo assim, em vez de uma espécie de miolo fixo e imutável, essência, aqui, está apontando para aquilo que faz com que a técnica moderna venha a ser isso o que ela é, da forma que como ela é (HENRIQUES, 2014, p. 28).

Nesse sentido, *Gestell* ou composição não tem nada de técnico e nem tem sentido de substância e quiddidade. *Gestell* é a essência da técnica moderna, sendo esta destino de um desencobrimento, é também ambígua, pois aponta para o mistério de todo desencobrimento, isto é, a verdade. Portanto, questionar a técnica é questionar um mistério infinito da verdade, no qual acontece o desencobrimento e encobrimento, em outras palavras, a vigência da verdade.

Percebemos que esta conferência gira em torno de três momentos de reflexão do filósofo alemão, o primeiro momento sai da concepção de essência, comumente entendida como aquilo o que é e que perdura, quiddidade, substância e *essentia*, para o sentido de vigência, força, vigor e dinâmica de realização. Nesse primeiro movimento de esforço reflexivo de Heidegger, conduz não só para o segundo, mas também para o terceiro movimento. Enquanto essência no sentido tradicional leva-nos para a técnica como meio e fim e atividade humana e, conseqüentemente, para o que é correto; Essência, no sentido de *Wesen*, nos leva para *Gestell*, essência da técnica moderna, e, por conseguinte, para a *alétheia*, a verdade.

No segundo movimento, percebemos que Heidegger conduzda técnica para a essência da técnica. Observamos que a técnica nos leva à instrumentalidade e, esta, à causalidade, e, por sua vez, a produção. Etimologicamente, o filósofo alemão, analisa o termo grego *téchne* e, por conseguinte, distingue o modo de produção tanto da técnica antiga quanto da técnica moderna. Enquanto a técnica antiga tem o modo de produção no sentido grego de *poiésis*, a técnica moderna tem sua produção no sentido de exploração. Mas, tanto uma como a outra, são modos de desencobrimento, ou seja, de *alétheia*. Em outras palavras, compreendemos que *téchne* e técnica moderna são diferentes em um aspecto, ou seja, no modo de produção, mas se assemelham em outro aspecto, as duas são formas de desencobrimento.

Heidegger, nesse momento, sai do âmbito da técnica moderna para uma dimensão mais profunda da análise, isto é, sua essência, *Gestell*. Essa forma de reflexão é considerada como mais originária, porque não se limita ao correto, ao técnico, nem aos aparelhos tecnológicos. Mas vai além, mergulha no âmbito da essência (*Wesen*) e da verdade (*alétheia*). Nesse

sentido, *Gestell*, composição, não tem nada de técnico nem nada de maquinal, mas o modo em que o real se descobre como disponibilidade. *Gestell* é o tipo de descobrimento que rege a técnica moderna.

O primeiro movimento conduz também para o terceiro; por um lado, a essência tradicional diz o que a coisa é, e dizer o que é está no campo do correto, por outro lado, a essência, no sentido de *Wesen*, está no âmbito da verdade, *ἀλήθεια*. Enquanto o correto reside no campo da adequação, exatidão e correspondência de uma premissa ao objeto. O verdadeiro está no âmbito do descobrimento, isto é, da *alétheia*.

A verdade em Heidegger aparece com características distintas da “verdade” comumente aceita. Assim, a “verdade”, no sentido de adequação, é fixa e imóvel e submetida ao intelecto, pois a razão é responsável pela verificação e elaboração da verdade. Além disso, essa concepção de verdade exclui a não verdade de sua natureza. A verdade em Heidegger

É uma dinâmica de realização que inclui o aparecer, mas também o velamento, o que se retrai, em toda e qualquer presentificação, a saber, a sua *força de realização*. Com efeito, a verdade é uma espécie de arrancar, de aflorar, um dar-se algo, sempre ao modo do descobrimento. Verdade, como *alétheia*, é o resultado não da capacidade da razão humana, mas faz parte da essência do próprio Ser, constituindo-se como *um modo como irrompe a physis*, o vigor dominante do que surge de si mesmo (HENRIQUES, 2014, p. 60-61).

Ao contrário da verdade como adequação, a verdade em Heidegger não é fixa nem imóvel, ela é força, vigor e dinâmica de realização; ela não está subordinada ao intelecto, porque ela não pertence e não é propriedade da razão humana, ela precede o homem antologicamente. Ela não exclui a não verdade, porque esta entra no jogo do ocultar e do aparecer. Para Heidegger (2007, p. 134-135), essas duas concepções de verdade desde os gregos estiveram em luta, este embate foi vencido pela concepção vigente de verdade como adequação ao qual substituiu o conceito de verdade mais originário. Esta vitória do conceito tradicional de verdade sobre o conceito do princípio dá na filosofia de Platão. Segundo o pensador alemão,

Na história está em debate a discussão com a tradição de duas concepções fundamentais da essência da verdade. Ambas aparecem entre os gregos: a verdade como descobrimento ou a verdade como correção. A concepção originária, a verdade descobrimento recuou. (...) A filosofia de Platão não é senão a luta dessas duas concepções de verdade. O desfecho desta luta

determinou a história do espírito dos milênios vindouros (HEIDEGGER, 2007, p. 137-138).

Nesse sentido, a filosofia de Platão pode ser considerada como a filosofia da “transição”. Segundo Paulo Pinheiro (1997, p. 46), “a filosofia platônica ocupa para Heidegger o lugar ou a função de uma ‘passagem’, melhor ainda, de uma mudança de direcionamento (*Wandelung*). É graças a esta ‘mudança’ que Heidegger pode considerar o filósofo ateniense como o pensador ‘da transição’”. Portanto, o pensador da transição encerra o pensamento grego para dá início à tradição metafísica.

É bom salientar que a verdade como correspondência não só ganhou forças com a filosofia de Platão, mas antes dele já existia entre os gregos e muitas das vezes não tinha também o sentido de descobrimento. Segundo Heidegger (1999, p. 106), a concepção natural de verdade na filosofia dos gregos não designa desvelamento ou descobrimento. A palavra *alethés* é usada por Homero como enunciação e, por isso tem o sentido de certeza e de confiança. Logo, não tem o sentido de descobrimento. Heidegger reconhece que *alétheia* “foi imediatamente e apenas experimentada como *orthótes*, como a retitude da representação e da enunciação”.

Nesse sentido, um estudioso de Platão chamado de Paul Friedlander critica Heidegger por considerar o filósofo Platão como o pensador da transição. Para Friedlander, Homero ou Hesíodo que deveriam ser considerados primeiramente pensadores “da transição”. Pinheiro (PINHEIRO, 1997, p. 51) nos diz que segundo Friedlander, “bem antes do problema filosófico das ideias ganhar expressão em Platão, Hesíodo, em sua Teogonia, já havia se referido à *ἀλήθεια* como ‘a exatidão da percepção’”. O trecho citado por Friedlander da Teogonia (233): “Νηρήα δ’ ἀψενδέα καὶ ἀληθέα Υἱείνατο Πόντος, πρεβύτατον παίδων”, isto é, “Ponto gerou Nereu, sincero e franco, o primogênito de seus filhos”. Segundo Pinheiro, deve-se notar que o sentido de verdade já está associado à ideia de verdadeiro e do sincero e não no sentido de descobrimento. Nas palavras de Pinheiro, segundo Friedlander, “o que Heidegger encontra em Platão já se encontra muito antes em Hesíodo”.

Retornando a concepção heideggeriana das duas concepções de verdade, no parágrafo 44 de “*Ser e Tempo*” (HEIDEGGER, 2012b, p. 595), Heidegger elenca três teses que caracterizam a concepção tradicional da verdade como correspondência.

1. “O ‘lugar’ da verdade é a enunciação, o juízo”.
2. “A essência da verdade consiste na ‘concordância’ do juízo com o objeto”.

3. “Aristóteles, o pai da lógica, atribuiu tanto a verdade ao juízo como o seu lugar originário e também deu curso à definição da verdade como ‘concordância’”.

Percebermos que nessa terceira característica uma exposição de que Aristóteles atribuiu para os dois sentidos de verdade, lembrando que acima falamos que em “*Da Essência da Verdade*” Heidegger nos diz que a verdade originária recuou, por causa da dominação da verdade tradicional, e que a última luta entre as duas concepções se findou em Platão. Sabemos que “*Ser e Tempo*” é anterior a “*Essência da verdade*”, mas fica difícil entender a transição em Platão se em Aristóteles ainda há uma “luta”, se assim podemos chamar. Como entender tal transição em Platão ou, possivelmente, em Aristóteles se o próprio filósofo alemão nos diz em “*O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*” que *alethes* tem o sentido de certeza e não de desvelamento. Portanto, fica difícil de entender na filosofia heideggeriana onde fica essa ‘transição’, mesmo que em “*Essência da verdade*” ele nos diz que foi na filosofia de Platão.

Retornando a “*A questão da técnica*”, Heidegger ao questionar a técnica chega à **ἀλήθεια**. Ou seja, o segundo movimento de esforço ao pensamento mais originário nos leva ao terceiro: o da relação entre o correto e o verdadeiro. Segundo Heidegger (2012a, p. 17), “A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento”. O tema central desta conferência não é somente o questionar a técnica, mas também sobre a verdade da técnica. Percebemos que os termos principais giram em torno do desencobrimento, tais como: *essência* (*Wesen*) está no mesmo âmbito da verdade; a *produção* a qual “conduz do encobrimento para o desencobrimento”⁶; a *téchne* e a *técnica* como formas de desencobrimento; *disponibilidade* como “o modo em que vige e vigora tudo o que o desencobrimento explorador atingiu”⁷, *Gestell* (composição) como “apelo de exploração que reúne o homem a dis-por do que se des-encobre como disponibilidade”⁸ e, por fim, *destino* “a força encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento”⁹. Portanto, o termo desencobrimento é tomado como referência nas principais definições dos termos empregados pelo filósofo alemão nesta conferência.

Heidegger, através da etimologia grega, definiu o conceito de verdade na filosofia, pois na qual a visão tradicional de verdade estava embasada na relação sujeito-objeto, em uma

⁶ Idem, p. 16

⁷ Idem, p. 21

⁸ Idem, p. 23

⁹ Idem, p. 27

definição de verdade como adequação. Segundo Flórez Restrepo, Heidegger faz uso da etimologia como busca da origem da palavra-significado-coisa, mas não é só uma busca histórica da origem material de uma palavra, e sim uma recuperação a partir da origem da essência de uma coisa ou, em última instância, do ser. Para o professor Flórez Restrepo,

La etimología, en este sentido, toma un rumbo diferente al que se puede establecer desde Isidoro, como facilitadora del conocimiento, o desde la lingüística actual, que la toma como mera erudición sin ninguna finalidad útil. La etimología desde el punto de vista heideggeriano es el retorno a una apertura del ser que se ha vuelto extraña para nosotros. No es simplemente la recuperación de una palabra anticuada con fines de erudición, sino el permitir re-descubrir, volver a desocultarlo que el ser había revelado antes y que ahora se ha ocultado para develar otra cosa diferente (FLÓREZ RESTREPO, 2005, p. 112).

O filósofo alemão utiliza do grego como sua principal fonte em busca das origens, porque o idioma grego além de ser a mãeda filosofia é, para o filósofo de *Ser e Tempo*, uma linguagem que fala da originalidade das coisas. Além do mais, é a única língua que tem o *λόγος*. Heidegger, no livro “*o que isto – a filosofia?*”, relata que a língua grega não é uma simples língua como as europeias, mas somente ela, a língua grega, é logos. É através da etimologia dos termos gregos que Heidegger se orienta no caminho para a busca filosófica do ser e devolver o sentido da pergunta do ser, ao mesmo tempo, contrapõe o sentido da etimologia latina, por essa encobrir o sentido que se desencobriu com os gregos.

Conforme Flórez Restrepo (2005, p. 116), a intenção de Heidegger é despojar os termos filosóficos da tradição, que tem traído seus sentidos, para intentar redescobri-los em um sentido mais original. Nesse aspecto, o filósofo alemão faz do exercício etimológico a principal autoridade para determinar o sentido de um termo mais original. Como acontece com o termo verdade que perdeu seu sentido de desencobrimento que possuía a língua grega para um sentido de adequação ou correspondência. Nesse sentido, Heidegger busca resgatar o sentido originário do conceito de verdade através de seu antecedente grego por meio da etimologia.

Para Heidegger, os gregos tinham uma expressão para a palavra verdade, a saber, *ἀλήθεια*. Este termo possuía o *αα* privativo, ou seja, esta palavra era formada pelo prefixo de negação *ἀελήθεια* que significa não ser mais descoberto, velamento, encobrimento. Esse termo, *alétheia*, na investigação etimológica de Heidegger, para os gregos possuíam uma

expressão negativa para alguma coisa pelo qual entendemos como positiva. Em outras palavras, a verdade para a tradição filosófica é algo positivo, mas para os gregos não têm essa conotação. Segundo o filósofo alemão em “*Alétheia*”,

Des-encobrimento é o traço fundamental daquilo que já apareceu e que deixou para trás o encobrimento. Esse é o sentido do alfa (α) que compõe a palavra grega *aletheia* e que somente recebeu a designação de alfa privativo na gramática elaborada pelo pensamento grego tardio. A relação com *lethe* ($\lambda\eta\theta\eta$), encobrimento e o próprio encobrimento não perdem de forma alguma o peso pelo fato de se experienciar diretamente o descoberto como o que apareceu, como o que entrou em vigência, como vigente (HEIDEGGER, 2012c, p. 229).

Nesse sentido, a expressão negativa mostra que os gregos compreendiam verdade como desencobrimento do mundo, verdade essa que tem que ser retirada do ente.

A verdade (ser-descoberto) deve primeiramente ser arrancada do ente. O ente é tirado à força da ocultação. Todo ser-descoberto factual é sempre um como que roubo. É um caso que os gregos, para dizer a essência da verdade, a enunciassem com uma expressão privativa (α -λήθεια) (HEIDEGGER, 2012b, p. 615).

A etimologia de *alétheia* feita por Heidegger “sofreu inúmeras críticas elaborados por numerosos filósofos e historiadores da filosofia” (PINHEIRO, 1997, p. 45). Possivelmente, a primeira crítica no tocante à etimologia de *ἀλήθεια* foi feita pelo estudioso de Platão, Friedlander. Segundo Pinheiro, a crítica de Friedlander não fica restrita a imprecisão histórica de Heidegger ao dizer que a transição definitiva da verdade como desencobrimento para a verdade como adequação foi feita na filosofia platônica. Mas a crítica se estende a etimologia do termo verdade, “Friedlander constata que a etimologia heideggeriana de *ἀλήθεια* (vista como uma composição entre o prefixo α privativo e o radical lhj-) não é nada de pertinente, pois tal termo não possuía originalmente nenhum sentido negativo ou privativo”¹⁰. Pinheiro cita cinco exemplos utilizados pelo estudioso de Platão, tais como:

1. $\alpha\nu$ -αιδής __ $\alpha\nu$ -αίδεια – insolência
2. α -παθής __ α -πάθεια – insensibilidade
3. α -σθενής __ α -σθένεια – falta de força
4. α -σεβής __ α -σέβεια – impiedade

¹⁰ Idem, p. 51

5. ἀ-φανή __ ἀ-φάνεια – falta de clareza

Segundo Pinheiro, esses cinco termos são considerados como negativos para Friedlander, ao contrário do que ocorre com **ἀληθής** onde a negação só poderia ocorrer se fosse **ἀναληθής**. Heidegger, nas palavras de Pinheiro, consente com a crítica de Friedlander, mas se mantém “fiel ao sentido autêntico da verdade como des-velamento, com a ressalva, no entanto, de que mesmo os gregos falharam ao nomeá-la. *Αἀλήθεια*, ou seja, o des-velado deveria ser pensada como a *Lichtung*, como a clareira, na qual coexistiam o ser e o pensar”. Nesse aspecto, o filósofo alemão nos leva, em sua reflexão, a observar o sentido que já estava presente nos grego através de uma experiência mais original, mas oculta na palavra.

A análise etimológica da palavra verdade em Heidegger vai além de um estudo histórico e uma decomposição de um termo. Pinheiro diz que o filósofo alemão se distanciou, nos seus últimos textos, da investigação etimológica para encontrar um novo caminho para explicar e determinar o sentido mais original da *ἀλήθεια*. Portanto, não se deve buscar o sentido de verdade por meio somente de uma etimologia nem mesmo de uma análise histórica da palavra, mas sim de uma experiência mais original. Heidegger nos diz que “A verdade mesma é uma presa, ela não está simplesmente aí. Ao contrário, como um descobrir, ela requer por fim a inserção do ser humano com um todo. Ela mesma é algo velado, e, como tal, o mais elevado” (HEIDEGGER, 2006, p. 36).

Portanto, ao analisar a noção grega de verdade foi constatado, pelo filósofo alemão, dois modos de verdade: a primeira e mais original a verdade como descobrimento que chamo aqui de verdade antepredicativa; e a segunda foi à noção tradicional a qual a verdade é considerada como o acordo ou a conformidade entre a proposição e o objeto da proposição que chamo aqui de verdade predicativa. Segundo Heidegger, em “*Da Essência da verdade*”, a verdade como correção, predicativa, é impossível sem a verdade como descobrimento, isto é, antepredicativa. Pois, “o conceito de correção já traz consigo o descobrimento. Com isso já se decidiu a questão do ordenamento e da hierarquia. O conceito superior e mais originário é, pois, a verdade no sentido de descobrimento” (HEIDEGGER, 2007, p. 148).

Referências

FLÓREZ RESTREPO, Jorge Alejandro. La etimología de la verdad y la verdad de la etimología. El retorno de Heidegger a los Orígenes del lenguaje filosófico em Grecia. **Foro de Educación**, [S.l.], v. 3, n. 5-6, p. 110-119, sep. 2005. ISSN 1698-7802. Disponible en:

<<http://www.forodeeducacion.com/ojs/index.php/fde/article/view/234>>. Acesso: 20 de julho de 2017.

HEIDEGGER M. **A caminho da linguagem**. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

HEIDEGGER, M. Alétheia. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2012c, p.227-249.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 8. ed., p. 11-38, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. **Língua de Tradição e língua técnica**. Tradução Mário Botas. Veiga, 1º edição, 1995.

HEIDEGGER M. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: **Os pensadores**. Tradução E. Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HEIDEGGER M. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e verdade**: 1. A questão fundamental da filosofia; 2. Da essência da verdade. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

HEIDEGGER M. **Ser e Tempo**. Trad. de Fausto Castilho. Editora da Unicamp; Vozes, 2012b.

HEIDEGGER M. Qu'est-ce que la philosophie?. **O que é isto a Filosofia?** Conferências e escritos filosóficos. Tradução E. Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os Pensadores.

HEIDEGGER M. **Sobre o humanismo**. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 3. ed., 2009.

HENRIQUES, Rafael Paes. **Tecnologia, objetividade e superação da metafísica**. Vitória: EDUFES, 2014.

PINHEIRO, P. Sobre a noção de ἀλήθεια em Platão (a tradução heideggeriana). In: **O que nos faz pensar**. RJ: PUC, 1º Semestre, 1997.

RICOEUR, Paul. **Ser, esencia y sustância em Platón y Aristóteles**. Traducción de Adolfo Castañon, D. F., México, Siglo XXI, 2013.